



# GONÇALVES, JOSÉ ARTUR TEIXEIRA. *DESVENDANDO O MÉTODO: UM ESTUDO SOBRE A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM SHERLOCK HOLMES. CURITIBA: CRV, 2021, 112 P.*

Ana Maria Soares Zukoski\*  
Vicentônio Regis do  
Nascimento Silva\*\*

\* aninha\_zukoski@hotmail.com  
Graduada em Letras e especialista em Literatura pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), fez o mestrado e o doutorado em Literatura. É uma das organizadoras de *Saramago: memorial do feminino* (FECILCAM, 2022) e *Moacyr Scliar: literatura juvenil e educação* (JASVENS, 2021).

\*\* vicrenos@yahoo.com.br  
Doutor em Literatura pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É um dos organizadores de *De figura feminina? Os perfis da mulher na obra de Moacyr Scliar* (EDUEL, 2018), de *Josué Guimarães nas trincheiras femininas* (EDUEL, 2019), *Incursões pela ficção de Valesca de Assis: os pampas das mulheres* (JASVENS, 2021) e *Saramago: memorial do feminino* (FECILCAM, 2022).

Além de dialogar com a temática do dossiê da revista, *Desvendando o método* é um dos mais interessantes ensaios publicados nos últimos anos. Entre suas qualidades, destacamos: misturar literatura, história e epistemologia; discutir os métodos científicos utilizados por Sherlock Holmes, durante sua atividade investigativa; demonstrar

como ciência e vida estão interligadas cotidianamente; apontar como a personagem literária contempla explicações pedagógicas sobre a aplicação prática da ciência e, ao mesmo tempo, capta o paradigma social do século XIX; congregar valores, sabores e detalhes de apaixonados por um dos mais instigantes personagens de todos os tempos.

Com essa receita, um tanto heterodoxa, José Artur Teixeira Gonçalves – doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), professor da disciplina em várias instituições e titular da cadeira de pesquisa em graduações e pós-graduações faculdades afora – “coloca o pé” em “vários barcos”: como Barthes ou Rubem Alves, provoca sabor onde, em muitos casos, sobressaem situações extenuantes e estéreis de pretenso saber. Sua capacidade intelectual de escritor técnico (de artigos, de capítulos de livros, de teses etc.) se agiganta, na medida em que recorre a artifícios do *métier* literário: basta observar o duplo significado (policialesco e científico) do título – *Desvendando o método*. Seja detetive, seja estudante (de mestrado, doutorado, pós-doutorado), um e outro estão, a todo instante, descobrindo/detectando peculiaridades do objeto de estudo/investigação. A diferença do detetive para outros profissionais, conforme esclarece o ensaísta, é que Sherlock se valia de métodos científicos para revelar as respostas dos enigmas criminais:

O arcabouço intelectual do detetive consolida-se na intersecção do conhecimento científico formal (lógica) e abstrato-concreto (química, por exemplo). No campo da ciência concreta (biologia e geologia) seus conhecimentos são “variáveis”, mas bastante especializados (em geologia, Sherlock é capaz de identificar

amostras de solo de qualquer região de Londres; em biologia, conhece profundamente alguns temas botânicos, como venenos em geral) (Gonçalves, 2021, p. 31).

Sua devoção pelo conhecimento é tamanha que dispõe de cronograma de assuntos (marcas tipográficas, documentos antigos, criptografia, música polifônica ou simulação de doenças) sobre os quais se propõe publicar monografias (Gonçalves, 2021, p. 34). Embora não se dedique às ciências com finalidade acadêmica, a estrutura científica amolda-se e intervém perfeitamente no cotidiano do detetive que, tal qual um catedrático, constrói suas conjecturas em convergência com a análise de pessoas, objetos, fatos, situações e contextos. Sua busca por pistas se constitui de caráter lógico na construção do pensamento. Por essa razão, ao discorrer sobre a dedução (*Ibidem*, p. 40), a indução (*Ibidem*, p. 42) e a abdução (*Ibidem*, p. 44), o ensaísta destaca que alguns dos leitores, estudiosos e pesquisadores dedicados à obra de Conan Doyle acreditam que esta última seria a mais aplicável ao caso do famoso personagem (*Ibidem*, p. 45-46). E, claro, sem esquecer que, apesar de bom “cientista”, o detetive é guiado por grande dose de intuição (*Ibidem*, p. 47): “Seja como for, a perícia de um médico e as habilidades de um cientista estavam entrelaçadas em Sherlock Holmes” (*Ibidem*, p. 60).

A identificação de proximidade do método investigativo – de detetive e de cientista – no clássico personagem de Conan Doyle é lançada ao leitor atento como decifração de códigos e de enigmas (*Ibidem*, p. 66). Códigos e enigmas são termos emblemáticos na ciência – assim como, acrescentamos, análise, observação, tese, hipótese – e pavimentam a técnica de aplicação de inteligência à detecção de crimes:

Em outras palavras, podemos dizer que detetives e cientistas trabalham sobre problemas. Isto é, a investigação científica e a detetivesca partem da colocação de um problema, uma pergunta à qual não se conhece resposta satisfatória (uma substância que reaja exclusivamente à hemoglobina ou a autoria de um homicídio, por exemplo) (Gonçalves, 2021, p. 67).

De acordo com o ensaísta, Holmes parece imerso em seus mais complexos e tresloucados pensamentos, enimesmado em um monólogo de perguntas e respostas desenhadas e redimensionadas constantemente:

Sherlock não conversa sozinho. Ele dialoga constantemente com as evidências, com os dados que coleta. Seja em campo, no laboratório ou diante de documentação, o pesquisador também conversa com seus dados, fazendo perguntas e submetendo-os a verificações (Gonçalves, 2021, p. 77).

O diálogo permanente e sistemático com dados, perguntas e verificações resulta em movimento insistente que o leva – assim como também estimula o cientista – a buscar informações complementares, pensando em novas conjecturas, descartando outras possibilidades, criando hipóteses, rejeitando-as, redimensionando-as, descartando-as novamente, até que, entre sua criação e refutação, se fomenta um canal de afunilamento, de seleção e de eleição.

Interessante observar: o relato final do grande detetive assemelha-se ao trabalho de pesquisa, uma vez que

[o] relato oferecido ao final pode ser comparado àquilo que chamaríamos no meio acadêmico de “relatório de pesquisa”, uma exposição sistemática de uma investigação, na qual buscamos provar que os resultados a que chegamos por meio da apuração de dados e confrontação de hipóteses é válido. O fio condutor da exposição, como na narrativa sherlockiana, é o método empregado, seja para obtenção dos dados, seja para sua interpretação (Gonçalves, 2021, p. 91).

Como salienta o autor de *Desvendando o método*, “[...] o trabalho de Sherlock Holmes [...] envolveu um conjunto complexo e metódico de operações intelectuais, tais como observação e coleta de dados, inferências e verificações”

(*Ibidem*, p. 95). O método de Sherlock – é configurado pela “observação detalhada das insignificâncias”, “conjugação de operações lógicas e conjecturais” e “validação externa de hipóteses para solução do problema” (*Ibidem*, p. 99).

Desde os primeiros dias nos bancos acadêmicos, somos relembrados – já que, nas aulas de filosofia e de sociologia, no Ensino Médio, tivemos informações a respeito – das diferenças entre senso comum e ciência, sempre enfatizando que esta, em detrimento daquele, está em permanente estágio de aperfeiçoamento, fundado na imparcialidade e na objetividade dos resultados.

Por muito tempo, estes que ora escrevem esta resenha também compartilharam irrefletidamente da ideia de consistir a ciência em emaranhado abstrato e distante dos nossos desejos. Entretanto, vamos percebendo que não existe ciência fria, imparcial e objetiva – lembrando que nem o discurso científico, quando dissecado pela Semiótica ou pela Análise do Discurso, resiste à suposta imparcialidade e à onírica objetividade. A ciência é feita de amores: do historiador, o qual, mesmo comparado sarcástica e pejorativamente ao rico primo fazendeiro, continua sua luta nos arquivos; do crítico literário/escritor, que, embora ridicularizado por passar dias no “mundo da lua”, se mantém na construção do entendimento, da

transformação e do diálogo da realidade e da ficção; do pesquisador em geral, o qual, no sonho de encontrar a cura do câncer ou da AIDS, de descobrir meios de evitar o aquecimento global, de adaptar técnicas pedagógicas aos novos tempos, de otimizar o tempo das relações de trabalho ou de buscar maior produtividade no campo com menor impacto ambiental, esquece a diferença entre dia e noite, trabalho e descanso, prazer e êxtase.

Este *Desvendando o método* é de escrita apaixonante e envolvente – paixão e envolvimento distanciam-se do previsto nos pactos da redação científica. Contudo, se José Artur Teixeira Gonçalves não tivesse quebrado mais esse paradigma, seu ensaio seria apenas “mais um”, entre os tantos já publicados. Mais uma vez recorrendo a Barthes, as(os) cientistas precisam aprender que, na vida, mais importante do que o saber é o sabor das pesquisas.

Concluímos – de modo insólito – transcrevendo o trecho em que José Artur, apoiando Watson e contrariando Sherlock, defende o tom saborosamente literário de sua escrita (assertiva que, sem dúvida, ratificamos integralmente):

Tenho a confessar, que aqui estou com Watson. Eu poderia ter optado por escrever esse livro sob a perspectiva fria do pesquisador, apenas me limitando a dissecar os passos metodológicos

de Sherlock, tratando de “limar” todo o romanesco e me concentrando em seu “curioso raciocínio”. Mas, sinto que seria uma traição. Uma traição a Watson e a Doyle, e uma traição a mim (Gonçalves, 2021, p. 92).

*Recebido em: 23/04/2023*

*Aceito em: 29/08/2023*